

economia

‘Investimento é sinal de confiança no RS’

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

O presidente da GM América do Sul, Santiago Chamorro, aposta na resiliência do Rio Grande do Sul como estratégia para alavancar as vendas da empresa a partir de um novo modelo, a ser lançado em 2026. Para isso, manteve investimento de R\$ 1,2 bilhão na modernização da fábrica de Gravataí e planeja produzir 320 mil veículos por ano, sendo 80 mil somente com o novo projeto. Nesta entrevista concedida após a solenidade em Gravataí nesta quinta-feira, Chamorro fala sobre investimentos no Estado e no País.

Jornal do Comércio - Por que a montadora escolheu o Rio Grande do Sul para dar início a essa nova fase do processo de investimentos no País até 2028?

Santiago Chamorro - Esses R\$ 1,2 bilhão são parte de um projeto maior, de investimento de R\$ 7 bilhões nas fábricas do País. Nos próximos dias estaremos anunciando os demais investimentos que fazem parte desse pacote. Decidimos começar por Gravataí por se tratar de um momento importante para a comunidade (após o desastre climático no Estado), para dar esse sinal de confiança e de apoio e por se tratar de um modelo novo a ser incluído no nosso portfólio, que acreditamos irá chamar poderosamente a atenção dos clientes.

JC - De que forma esse aporte de R\$ 1,2 bilhão anunciado para a planta de Gravataí deverá impactar os negócios da montadora?

Chamorro - Esse investimento é para modernizar a fábrica e para um novo modelo. Ele será lançado em 2026, e pretendemos produzir cerca de 80 mil unidades por ano na fábrica de Gravataí. Será um produto que nos permitirá concorrer em um segmento no qual ainda não estamos atuando e no qual temos muita expectativa junto ao consumidor, tanto no Brasil quanto em novos mercados da América do Sul. É um volume de investimento importante em se tratando de um novo modelo apenas.

JC - O que já se pode dizer sobre esse novo modelo?

Chamorro - Não podemos avançar muito ainda, mas ele será produzido sobre a plataforma do Onix e do Onix Plus e movido a combustão interna. Já temos segmento, já temos motorização, já temos uma proposta de design, que está belíssimo. E é tudo que eu posso falar por hoje.

JC - Por que, apesar de um movimento global de fortalecimento do uso de combustíveis limpos, a GM ainda planeja novos modelos a combustão?

Chamorro - A gente acredita, nesse mercado grande, que a pluralidade tecnológica faz sentido. Então, temos veículos de combustão interna e teremos um futuro de veículos elétricos e veículos

híbricos ainda localizados e industrializados no País.

JC - Como encara a produção de veículos elétricos na China que acaba desembarcando aqui no Brasil?

Chamorro - A gente, em condições iguais, não tem medo de ninguém. É mais concorrência para o mercado, faz bem para o mercado, faz bem para o consumidor. E nós estamos há 99 anos no Brasil. Este é o quarto ciclo de investimentos, só aqui em Gravataí. A gente tem um processo de industrialização profundo.

JC - Como a GM pensa fazer desse novo modelo a ser fabricado em Gravataí um produto que vai emplacar no Brasil e no exterior, se o custo de produção nacional é elevado?

Chamorro - Estamos também trabalhando numa agenda para reduzir o custo Brasil. Nós temos um custo logístico alto. Temos uma carga tributária alta nos veículos, o que acaba resultando em uma falta de competitividade dos nossos produtos no mercado fora



Decidimos começar por Gravataí por se tratar de um momento importante para a comunidade, para dar esse sinal de confiança



Presidente da GM América do Sul, Chamorro aposta no novo veículo

do Brasil. Nós temos tudo neste país. Nós temos minério de ferro, capacidade de fabricar aço, capacidade fabril e de engenharia. Tomara que consigamos, junto com o governo federal, trabalhar em uma regulação que nos permita aumentarmos os volumes e exportar mais para a região. Se você soma todos os países da América do Sul, é um mercado de mais de 4 milhões de unidades, que se coloca no quarto lugar do mundo como país.

JC - Do ponto de vista ambiental esse investimento agrega algum avanço na planta da GM?

Chamorro - Estamos avançando para trazermos energia elétrica limpa para a fábrica de Gravataí. Avançamos no processo de redução de água e de energia elétrica na fabricação dos veículos. Avançamos também na reciclabilidade dos materiais incorporados na fabricação dos nossos veículos e nessas novas gerações cada vez

mais melhoramos um pouco.

JC - O senhor acredita que a reforma tributária irá gerar impacto nos preços automóveis?

Chamorro - Estamos trabalhando com o governo federal para chamar a atenção de que qualquer aumento dos impostos, por exemplo, impostos seletivos nos veículos, simplesmente por elasticidade de preço, vai trazer uma redução no consumo. Pode afetar o nível de emprego no País, pode afetar o ritmo de desembolso desses investimentos que estamos anunciando todos. E, no momento, a indústria automotriz está investindo pesado para modernizar os seus produtos. Isso traz consigo um efeito negativo. O consumidor, se vê, pelo preço, é encaminhado para comprar um veículo semi-novo, que talvez contamine mais (o ambiente). E isso vai em sentido contrário do espírito desse imposto. Então, estamos contra impostos seletivos para os veículos.

Eduardo Leite destaca papel dos incentivos fiscais na decisão da GM de investir no RS

Guilherme Kolling, de Gravataí
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

O Rio Grande do Sul vai receber a primeira fatia dos R\$ 7 bilhões de investimentos anunciados pela GM para o Brasil até 2028. Dirigentes da montadora destacaram a modernidade, eficiência e produtividade do complexo industrial de Gravataí para a tomada de decisão. Citaram ainda a qualidade dos trabalhadores locais e a importância de dar um sinal de confiança ao Rio Grande do Sul após as enchentes.

Mas um outro ponto pesou, conforme fontes ouvidas pela colunista Patrícia Comunello, que antecipou a notícia do in-

vestimento da GM no JC. O novo ciclo de modernização da montadora foi consolidado após a renegociação dos incentivos estaduais, que tiveram melhoria na forma e na aplicação, com menos burocracia.

O governador Eduardo Leite confirmou essa informação tanto em seu discurso na solenidade quanto na coletiva de imprensa em Gravataí. O chefe do Executivo gaúcho destacou a atualização nos trâmites de incentivos fiscais pela Secretaria Estadual da Fazenda e a agilidade na concessão dos benefícios.

“O governo do Estado atuou para atualizar a legislação, modernizar e ajustar o fluxo de processos de incentivos tributários

para permitir que esse investimento (da GM) acontecesse, porque sabemos que é importante para o Estado. Injeta confiança, entusiasmo em relação ao futuro”, afirmou Leite.

O governador observou que algumas montadoras encerraram atividades no Brasil há pouco tempo, o que gerou “um clima de apreensão no setor”, com o temor de outras desistências no negócio. E relatou que o Piratini agiu junto com a General Motors antes do anúncio do investimento.

Afirmou, ainda, que a manutenção dos empregos existentes “é uma grande vitória em um setor que tem tido condições de difícil competitividade,

especialmente porque a reforma tributária traz desequilíbrios concorrenciais entre unidades da federação”.

Por isso, Leite defendeu que o governo gaúcho use todas as ferramentas disponíveis para manter a montadora de veículos no Rio Grande do Sul, dando condições de competitividade. “Assim, ajudamos a criar condições não apenas para a manutenção de uma fábrica que é um orgulho para o Rio Grande do Sul, como também para garantir novos investimentos”, sustentou.

Segundo o governador, o trabalho feito junto com a GM identificou “necessidades de melhorias nas ferramentas e fluxos, com simplificação para usufruir

os incentivos fiscais”. Leite defendeu a medida argumentando que o investimento é importante por si só, “mas é ainda mais importante como símbolo de confiança no Estado do Rio Grande do Sul”, exemplificando com outros anúncios recentes, como a nova planta de celulose da CMPC em Barra do Ribeiro e o complexo logístico da Lojas Lebes em Guaíba.

O governador não quantificou o montante do incentivo fiscal concedido à GM, mas ressaltou que está satisfeito porque o Estado fez o que tinha capacidade de fazer “com suas ferramentas de incentivo, garantindo condições para que esse investimento aqui aconteça”.